

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD  
INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**CAMILA ARRUDA PEREIRA**

**O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR,  
NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES(AS) DO  
MACIÇO DE BATURITÉ-CE**

**ACARAPE – CE**

**2022**

CAMILA ARRUDA PEREIRA

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR,  
NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES (AS) DO MACIÇO DE BATURITÉ-CE

Trabalho de Conclusão de Curso para  
obtenção do diploma de Licenciada em  
Pedagogia, pelo curso de Pedagogia,  
vinculado ao Instituto de Humanidades –  
IH, da Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira – UNILAB,

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Ferreira

ACARAPE – CE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Pereira, Camila Arruda.

P436b

O bullying no ambiente escolar, na perspectiva dos professores  
as do Maciço de Baturité-Ce / Camila Arruda Pereira. - Redenção,  
2022.

42f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades,  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Ferreira.

1. Bullying. 2. Escola. 3. Baturité (Ceará). 4. Violência.  
I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 370.114

---

## FOLHA DE APROVAÇÃO

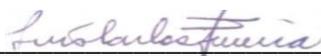
CAMILA ARRUDA PEREIRA

### O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR, NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES(AS) DO MACIÇO DE BATURITÉ-CE

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), e aprovado como requisito final para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Data da Aprovação:** 27/07/2022

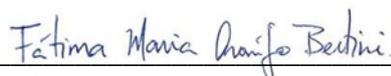
#### Banca Examinadora:



---

Luís Carlos Ferreira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



---

Fatima Maria Araújo Bertini

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB



---

Izabel Cristina dos Santos Teixeira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a meus pais, minhas irmãs e irmãos, e a minha madrinha. Obrigado por estarem presente em todos os momentos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que ilumina minha vida todos os dias, me dá forças e recorda-me que eu devo tentar sempre. Obrigada, Senhor, por me permitir concluir este trabalho e pelos anjos que encontrei pelo caminho.

A minha Mãe Francisca Eliene Pereira Arruda e meu Pai Jaime Cesar Arruda Pereira. Vocês são o motivo de meus sorrisos e esforços para ser uma mulher de fé e coragem. Obrigada por tudo.

Ao Professor Luis Carlos, meu orientador. Obrigada por me orientar neste trabalho e por seu jeito otimista, que consegue transmitir confiança de que, se tentarmos sempre, alcançaremos nossos objetivos.

Agradeço também aos professores do curso de pedagogia da Unilab, em especial, às Professoras Geranilde Costa e Rosangela Ribeiro, aos Professores Luis Eduardo (Lucho) e Evaldo Ribeiro, e a todos (as) demais professores do Curso. Obrigada pelos conhecimentos compartilhados e pela presença acolhedora. Nos detalhes, vocês conseguem transmitir valores indispensáveis para um (a) bom profissional e ser humano.

Agradeço às Professoras Fátima Bertini e Izabel Cristina. Muito obrigado por aceitarem o convite para compor a banca avaliadora do meu trabalho.

Agradeço à minha Irmã Rosiane Arruda Pereira. Foi você quem me incentivou a estudar na Unilab; agradeço a você por isso e pela sua presença em minha vida, me ajudando quando necessário, querendo o melhor para mim em todos os momentos. Obrigada por ser essa pessoa incrível.

Agradeço à minha irmã Rosilene, aos irmãos Alcenir, Jackson, Josenir, Jéferson e Raphael. Obrigada por me fazerem tentar sempre e pela presença repleta de afeto e carinho.

Agradeço à minha madrinha Edilene Araújo. Obrigada pelo carinho e por me ajudar sempre que eu precisei. Você é uma pessoa que me inspira, através de seu cuidado e amor dedicado à família e a profissão docente.

A minhas amigas Cleane Costa, Cryslania de Souza, Ana Maria, Antônia Maria, Edna Léia e Karine Grandim. Obrigada pela presença de vocês em minha vida e os inúmeros momentos que vivenciamos na universidade. Obrigada por sempre acreditarem em mim e falarem: “amiga, você vai conseguir”. As palavras de vocês sempre me davam a certeza de que esse sonho seria realizado.

## **RECOMECE**

*"Quando a vida bater forte e a sua alma sangrar, quando esse mundo pesadilhe ferir, lhe esmagar, é hora do recomeço, recomece a lutar.*

*Quando tudo for escuro e nada iluminar, quando tudo for incerto e você só duvidar, é hora do recomeço, recomece a acreditar.*

*Quando a estrada for longa e seu corpo fraquejar, quando não houver caminho, nenhum lugar para chegar, é hora do recomeço, recomece a caminhar.*

*Quando o mal for evidente e o amor se ocultar, quando o peito for vazio e o abraço faltar, é hora do recomeço, recomece a amar.*

*Quando você cair e ninguém lhe amparar, quando a força do que é ruim conseguir lhe derrubar, é hora do recomeço, recomece a levantar.*

*E quando a falta de esperança decidir lhe açoitar, se tudo que for real for difícil suportar, mais uma vez é hora do recomeço, recomece a sonhar. “*

*( Bráulio Bessa).*

## RESUMO

Esta pesquisa pretende abordar o fenômeno do *bullying*, enfatizando as consequências para a vida dos envolvidos (as). Para isso, apresentou-se uma reflexão sobre o quão sério é o *bullying*, que se faz presente de forma assustadora nas escolas, causando dor e sofrimento nas vítimas que, muitas vezes, sofrem agressões, mas não encontram motivação para buscar ajuda da escola, da família, sofrendo caladas, na expectativa que os agressores deixem de persegui-las. A metodologia caracteriza-se pela pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, em que pretende compreender o *bullying*, na percepção dos professores, com entrevistas direcionadas aos que atuam na escola. Assim, buscou-se compreender as formas que o *bullying* acontece na escola e investigar como professores do Maciço de Baturité-CE agem diante do *bullying* e quais as ações para com as vítimas.

Palavras-chave: Bullying. Escola. Maciço de Baturité. Violência. Desnaturalização.

## **ABSTRACT**

This research aims to address the phenomenon of bullying, emphasizing the consequences for the lives of those involved. For this, a reflection was presented on how serious bullying is, which is frighteningly present in schools, causing pain and suffering in victims who often suffer aggression, but do not find the motivation to seek help from the school, the family, suffering in silence, in the expectation that the aggressors will stop chasing them. The methodology is characterized by qualitative research, of an exploratory nature, in which it intends to understand bullying, in the teachers' perception, with interviews directed to those who work in the school. Thus, we sought to understand the ways that bullying happens at school and investigate how teachers from the Maciço de Baturité-CE act in the face of bullying and what actions are taken towards victims.

**KEY WORDS:** Bullying. School. Baturité Massif. Violence. Denaturalization.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - BREVE RELATO AUTOBIOGRÁFICO.....	15
CAPÍTULO 2 - O BULLYING EM DIFERENTES CONTEXTOS ESCOLARES .....	19
CAPÍTULO 3 - O BULLYING SOB A PERSPECTIVA DOS (AS) DOCENTES .....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXOS.....	41

## INTRODUÇÃO

Na área da educação, pesquisar sobre o *bullying* e suas consequências para as vítimas, no ambiente escolar, ainda é um grande desafio. Caracterizado como uma forma de violência sutil, o fenômeno pode acontecer de forma física, verbal e psicológica, causando dor e sofrimento em quem é vitimado por essa prática. O fator mais prejudicial do *bullying* é que consiste numa violência velada, ficando muitas vezes difícil identificar quem está enfrentando essa situação.

Neste sentido, a abordagem dessa forma de violência presente na vida de crianças e adolescentes, por diversas vezes tratada como “brincadeira” é muito importante para o reconhecimento do fenômeno, principalmente, do quanto é prejudicial aos (as) estudantes. Tragédias noticiadas na mídia mostram o sofrimento de famílias que tiveram seus filhos envolvidos com a prática de *bullying*, como vítima, agressor ou espectador.

Por diversas vezes, a dimensão das ações que o agressor tem pela vítima tende a ser desconsiderada, pois na escola ocorrem diversos conflitos entre estudantes, sendo tratados como “normais”, sem necessidade de intervenção. Além do mais, a escola, sufocada pela pressão por resultados satisfatórios, pode vir a deixar de garantir o direito de proteção do estudante contra esta violência. Esta falta de ação traz tristeza e sofrimento para a vítima, que tende a se fechar para interações com outros estudantes e sente medo de estar na escola.

Desta forma, pude refletir sobre meu percurso escolar na Educação Básica e também durante os estágios no curso de Pedagogia, e lembrei que, parte de alguns estudantes, levados por motivos aparentemente sem importância, passavam a hostilizar os outros colegas de todas as formas. Não medindo esforços para intimidar, estudantes se divertiam à custa de outros mais tímidos, retraídos, que não conseguiam reagir às provocações recebidas, e os estudantes da turma eram coniventes com as intimidações. As vítimas, por medo dos agressores, acabavam por não procurar ajuda dos pais ou da escola.

Em meio a tudo isso, a omissão dada aos casos de *bullying* em escolas é grave, pois o problema tende a se agravar, e, sem ajuda, dificilmente quem é vítima tem a coragem para falar sobre isso na família e na escola. Por isso a necessidade de trabalhos que ajudem a identificar e combater esta ação danosa, que tem causado sentimentos negativos e baixo estímulo para estar na escola em muitos/as estudantes/as. A quantidade de pessoas atingidas, direta ou indiretamente, mostra a dimensão do problema,

evidenciando o que uma aparente “brincadeira” pode causar. Os resquícios sociais são muitos, que podem ir desde o abandono da escola até problemas psicológicos graves.

Como pedagoga em formação, preciso estar atenta a todas as situações que permeiam a escola. Por isso o *bullying* como tema de pesquisa. Sendo algo pertinente na escola, o fenômeno é destaque em diversas tragédias ocorridas em instituições de ensino, públicas ou particulares. Isso me inquieta e mostra que os estudos a respeito devem continuar, pois se ainda acontece de um estudante chegar em sua sala de aula portando arma de fogo e querendo pôr fim às situações sofridas, é porque ainda existem generalizações sobre o *bullying*, que podem acontecer por parte da gestão escolar e da família.

No ano de 2015, o governo federal sancionou a Lei nº 13.185 que cria o programa de combate a intimidação sistemática (*bullying*), e considera como ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre, sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Partindo de tais aspectos, iremos refletir sobre as consequências psicológicas produzidas pela reprodução do *bullying* no ambiente escolar.

Com este propósito, o trabalho está organizado em capítulos. Inicialmente apresento um breve relato autobiográfico referente à escolha do tema de pesquisa, bem como motivações pessoais que me fizeram percorrer este caminho. Nesta parte, resgato alguns acontecimentos de minha educação básica que me aguçaram o olhar para a urgência da desnaturalização do *bullying* na escola.

No capítulo 2, apresento o *bullying* presente na escola e que ainda é camuflado como brincadeira de criança ou algo “natural” da convivência. Nesta etapa, evidencio o porquê de este problema ser grave e não poder mais ser algo que faça parte das relações humanas.

No capítulo subsequente, apresento a análise de dados de um questionário respondido por docentes atuantes no Ensino Fundamental I, do Maciço de Baturité, em que trago a coleta dos dados obtida na pesquisa, mostrando a percepção dos(as) entrevistados(as) sobre o *bullying*, contrapondo suas respostas com autores da educação e da psicologia que estudam sobre o assunto.

Nesta pesquisa, foi utilizada a pesquisa exploratória, de cunho qualitativa, para compreender como o *bullying* se faz presente em escolas na percepção dos (as) professores. Inicialmente, realizei uma revisão de literatura sobre o *bullying* no ambiente escolar, para entender como historicamente esse fenômeno ocorre e permeia o dia a dia dos (as) estudantes no seu processo de educação escolarizada. Para isso, investiguei publicações de Borges (2015); Fante (2005); Farias (2016); Rolim (2008); Silva (2010), dentre autores que trabalham com este objeto de pesquisa.

Depois de realizar estudos na literatura sobre o assunto, elaborei um questionário pela ferramenta *Google Forms*, com perguntas referentes ao perfil dos participantes e sobre como percebiam o *bullying* na escola. Posteriormente, foi enviado um questionário a professores (as) do Maciço de Baturité, os quais lecionam ou lecionaram no Ensino Fundamental I.

O contato com os participantes aconteceu de forma remota, devido ao contexto de isolamento social, (quando o questionário foi aplicado as escolas ainda se encontravam fechadas) causado pela pandemia de Covid-19<sup>1</sup>.

Assim, para a realização da pesquisa elaborei questões abertas e fechadas sobre o *bullying*, posteriormente enviadas a professores (as) do Maciço de Baturité que atuam no Ensino Fundamental 1. Após isso, foram realizadas a descrição, análise e interpretação dos dados obtidos através dos questionários.

Neste sentido, o trabalho busca: Identificar a percepção de professores (as) do Maciço de Baturité que atuam no ensino fundamental I sobre o bullying e consequências desta violência para as vítimas. Ainda como objetivos específicos: Historicizar sobre o bullying na escola e consequências na vida dos (as) estudantes; Identificar o que os (as) Professores sabem sobre o bullying e enfatizar a importância do papel dos atores que compõe o ambiente escolar no combate ao bullying entre alunos (as).

Diante disto, a pesquisa proposta desmistificará concepções errôneas sobre o *bullying* e consequências de ser exposto a esta violência silenciosa, mostrando como vem acontecendo nas escolas, apresentando as principais características desse tipo de violência, como pode estar presente, em sala de aula, nos arredores da escola,

---

<sup>1</sup> Um vírus altamente contagioso, identificado pela primeira vez em Wuham, na China, em dezembro de 2019, que depois se alastrou para todos os países do mundo, infectando e levando a óbito um alto número de pessoas.

proporcionando, assim, à comunidade escolar conhecer e saber como intervir em situações que vierem a presenciar.

Por fim, estudar sobre o fenômeno *bullying*, como os (as) professores (as) identificam e suas consequências, é algo necessário e pertinente para a comunidade escolar, pois como a pesquisa da Abrapia (2003) aponta, é algo recorrente na escola, e muitas crianças não contam a violência sofrida à família e à escola.

# CAPÍTULO 1

## BREVE RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Recordo-me de meu ensino fundamental, o quanto, em determinado ano, foi angustiante, constrangedor, estar em sala de aula com pessoas que não toleravam minha presença, sempre procurando me constranger com piadinhas, falsas histórias que inventavam sobre mim, compreendi que o que havia sofrido caracteriza-se como *bullying*.

Partindo destas reflexões sobre o *bullying* e da dimensão do problema na vida de tantos estudantes, decidi abordá-lo e mostrar a gravidade, no espaço escolar, uma vez que existem leis que coíbem, contudo, a prática ainda está presente na rotina e no cotidiano de crianças e adolescentes.

Conforme afirma Fante (2005)

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros estudantes levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying. (FANTE, 2005, p. 28-29).

As relações humanas em uma sociedade capitalista e excludente, enfrentam a carência de pessoas que se importam com suas atitudes e impactam quem está ao redor. Valores humanos como a empatia são poucos praticados, o que pode refletir nas interações estabelecidas nas escolas e valores aprendidos.

Minha decisão de abordar esta violência no ambiente escolar deve-se também ao fato de, além de ter sido vítima, percebi em meus professores o despreparo para lidar com a violência no ambiente escolar. Os estudantes vítimas ainda encontram resistência em contar para a família e para os profissionais da escola sua situação. Eu mesma, quando sofri *bullying* não contei para meus pais, professores, porque achava que não iriam resolver o problema.

Com base em Silva (2010), temos:

A comunidade escolar tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo. A hierarquia escolar compreende os diretores, supervisores, orientadores, professores, inspetores e funcionários que cuidam do espaço físico e de toda a engrenagem funcional e administrativa da instituição. Dentro dessa esfera, todos devem exercer seus papéis de forma eficiente e solidária, para que os estudantes possam aprender e praticar todo o conhecimento de que precisarão na caminhada rumo à vida adulta. (Silva, 2010, p.79)

Neste sentido, a falta de atenção da instituição de ensino pode reproduzir valores impregnados na sociedade, pois mesmo não-intencionalmente, este local pode ser palco de situações conflituosas que acabam por não serem colocadas em evidência. O *bullying* é um exemplo que afeta diretamente os estudantes e sua percepção a respeito de si e dos outros.

Trago dois casos de vítimas de *bullying*, presentes no livro de Fante (2005):

João Paulo, um garoto da 5ª série, 11 anos, vinha sofrendo perseguições de alguns colegas porque não gostava de jogar futebol. Por ser tímido e sensível, chorava com facilidade e não conseguia responder aos ataques de alguns companheiros de escola, passando a ser rejeitado pelos meninos da turma. Ninguém queria sua participação nos trabalhos em grupos ou nos jogos em equipe. Não tendo outra saída, aproximou-se de algumas meninas e, como resultado, ganhou o apelido de Bicha. Por isso, estava sendo perseguido e humilhado no horário do recreio, como passa tempo de vários estudantes agressores. João Paulo faltava às aulas com certa frequência, alegando que estava doente, que tinha muita dor de cabeça e que não dormia direito. Seu aspecto era triste e deprimido. Parecia que estava sempre com medo de que algo ruim lhe acontecesse. Uma colega de classe disse para a professora que o menino estava pensando em mudar-se de escola, mas temia que lá também fosse alvo de gozações. Ele não sabia o que fazer nem como lidar com a questão. O fato é que estava sofrendo muito e queria unicamente que o deixassem em paz. (FANTE, 2005, p. 31-32)

A aluna Márcia, 14 anos, disse que sua vida na escola nunca fora boa porque sempre fora humilhada, desde a 1ª série. “Todos têm problemas, sou uma delas. Zoam de mim porque não falo direito. Eles não sabem o mal que me fazem”. Márcia pensou várias vezes em abandonar a escola. No início do ano apresentou problemas psicossomáticos graves, entrando em quadro depressivo. Após uma consulta, o médico atestou que deveria mudar de período, porque os problemas enfrentados em sala de aula estavam agravando sua saúde. Lamentavelmente ela não resistiu as humilhações e acabou por abandonar a escola. (FANTE, 2005, p. 33)

Diante disso, como futura educadora, senti-me instigada a realizar esta pesquisa, percebendo o quão se faz importante na área da educação, o diferencial que trará na vida de crianças e adolescentes, podendo auxiliar professores (as) a entender sobre o *bullying*, contribuindo, assim, para a não-omissão desta prática, sendo esperança para estudantes que se veem coibidos de estarem na escola, devido a práticas de *bullying* que passaram a permear suas vidas.

De acordo com Fante (2005), a dificuldade em reconhecer o *bullying* pode ocorrer, também, porque as vítimas normalmente sofrem caladas, com medo de expor a situação de repressão e acabam ficando presas a tal violência, acarretando diversas implicações no seu próprio desenvolvimento.

Durante meu percurso na educação básica, percebi que os professores, muitas vezes, não davam a devida importância a repetidas humilhações, xingamentos, difusão de

boatos, praticadas pelos estudantes dentro da sala de aula. Essa aparente indiferença para as situações vivenciadas pelos estudantes, em sala de aula, é grave, pois pode estar causando problemas sérios no psiquismo de quem é vitimado.

Para Rolim (2008):

Por conta de seus valores culturais e de uma insensibilidade compartilhada institucionalmente, professores e membros das direções das escolas têm como “inofensivas” muitas das brincadeiras organizadas pelos estudantes, entre elas a de atribuir aos outros apelidos estigmatizantes. Os apelidos, como se sabe, estabelecem uma nova identidade as pessoas, destacando alguma característica tomada como particularmente significativa. Muito raramente, entretanto, tal escolha seleciona uma virtude. Como regra, apelidos destacam o que se imagina ser uma deficiência, ou uma diferença tomada como desvantajosa, ou desonrosa, ou simplesmente, feia. Quase sempre, há algo que se projeta como ridículo ou humilhante na identidade atribuída ao apelidado. Assim, se faz “graça” ao se promover um rótulo pelo qual se deprecia o outro. (ROLIM, 2008, p. 43-44)

Em outro momento de minha vida, já cursando a licenciatura em Pedagogia na UNILAB, em um dos estágios do curso, foi possível ver a ocorrência de *bullying* em sala de aula. A vítima estava se isolando da turma e tinha dificuldades de estabelecer comunicação com a professora e demais colegas. Próximo ao término da aula do dia, a estudante falou para sua colega de turma que ia para casa, pois estava com dor de cabeça. Quando a docente da turma perguntou o que aconteceu, ela não conseguiu falar e disse apenas para a outra estudante que iria para casa devido à dor de cabeça.

Após sua saída, a professora perguntou a essa estudante: “*por que ela era assim, estranha?*”. A estudante então explicou que Júlia (nome fictício) era muito interativa, mas no segundo ano começou a sofrer *bullying* por causa de sua voz, que era muito grave, assemelhando-se ao tom de voz masculino.

Segundo uma criança que mora próximo à casa de Júlia, até a própria mãe implica com sua voz, contou ainda que, certa vez, quando ia ao banheiro, um estudante a impediu e fez xixi na roupa; todos que presenciaram a situação ficaram rindo dela. Esses acontecimentos fizeram com que a estudante se fechasse em seu mundo e tivesse vergonha de ser quem ela é.

Assim, a vítima de *bullying* é exposta a situações de constantes humilhações, gozações, isolamento, algumas vezes também violência física, como chutes e quebra de pertences. Podemos dizer que é alguém que se encontra em desequilíbrio de poder em relação aos autores das agressões, se sentindo impossibilitado de pedir ajuda. Os agressores, geralmente, são os mais “populares” da escola, podem usar sua popularidade para perpetuar as agressões. Há também as testemunhas que presenciam o ato e podem

ser coniventes, ou não. Também não comentam o fato com adultos, o que pode ser motivado pelo medo de se tornar o próximo alvo.

Em meio a isso, práticas de *bullying* tendem a ser perpetuadas como algo “normal”, no cotidiano das escolas, afetando a vida de muitos estudantes, causando-lhes traumas e consequências a longo prazo. Entretanto, a escola, como uma instituição de ensino que promove a formação de sujeitos com autonomia, capazes de transformar a sociedade e de se contrapor a valores sociais vigentes, deve promover ações voltadas para conflitos que se fazem presentes na sociedade e refletem na escola. Assim, a abordagem de diferentes formas de violência presentes na sociedade se faz necessária, em especial, o *bullying*, que tem presença marcante nas relações sociais fora e dentro da escola.

Este tema é de grande relevância para a educação, pois envolve várias vidas que se encontram na escola, as quais buscam um ambiente de aprendizagem saudável, mas do contrário, reconhecemos que essa violência causa sofrimento, angústia, diversas situações com traumas irreversíveis, principalmente, para a vítima exposta diariamente a situações que não consegue resolver sozinha.

As pesquisas sobre o *bullying* na escola têm mostrado a gravidade que “aparentes” brincadeiras causam no psiquismo de estudantes vitimados por esta violência, que por acontecer de forma implícita não vem encontrando, por parte da comunidade escolar, ações de reconhecimento e combate em salas de aulas.

## CAPÍTULO 2

### O BULLYING EM DIFERENTES CONTEXTOS ESCOLARES

A escola é historicamente o local que desenvolve o indivíduo nos aspectos afetivos, físicos, cognitivos, psíquicos e, sobretudo, sociais. É onde grandes profissionais que se capacitarão em áreas distintas. As crianças e adolescentes, durante anos de suas vidas, encontram-se inseridos neste espaço, constroem diversas interações, amizades e laços afetivos de grande valor. É também na escola que se estabelecem situações conflituosas, não tão afetivas e que marcam negativamente suas vidas.

Por conseguinte, em escolas de todo o mundo, tem prevalecido nas relações entre alguns estudantes práticas de colocar apelidos, fazer piadas, xingar, inventar falsas histórias a respeito de estudantes mais tímidos, que apresentam comportamentos ou características que são usados por outros como algo negativo. Neste sentido, as relações estão sendo marcadas por situações que se mostram prejudiciais no desenvolvimento saudável das crianças.

Inúmeras vezes foram vistas situações dessa natureza sendo tratadas como inofensivas, aparentes “brincadeiras” durante o período em que os (as) estudantes se fazem presentes, seja durante as aulas ou intervalos. Porém, quando estas ações acontecem repetidamente, causam sofrimento em quem recebe apelidos maldosos e tem sua rotina escolar marcada por humilhações, acontece *bullying*. Para Farias (2016):

O *bullying* não é e não deve ser tratado como uma bobagem ou simples brincadeiras entre os jovens, pelo contrário, deve ser visto como uma grave ameaça que agride e desestabiliza o comportamento respeitoso que se deve ter em sociedade, não fazendo referência ou alusão a uma sociedade estereotipada, mas sim visando a boa relação e ao devido respeito que todo cidadão merece receber e compartilhar. (Farias, 2016, p.79).

Em meio a isto, é evidente que algo precisa ser feito, tendo em vista que esses comportamentos são caracterizados como *bullying*, uma forma de violência implícita que causa diversos prejuízos na vida de vítimas e também dos que atuam como autores dessas ações. Assim, medo, repulsa pela escola e baixa autoestima passam a se fazer presente na vida de estudantes vitimados pelo *bullying*.

Todavia, práticas do *bullying* no ambiente escolar não é algo novo e perdura no meio social há muitos anos. No entanto, estudos começaram a ser desenvolvidos na década de 1970 por Dan Olweus, então professor na Universidade de Bergen, Noruega. Seus estudos na área foram motivados pelo grande número de suicídios que aconteceram

com crianças na Noruega, na década de 1970, desde então atentou-se para a violência entre os estudantes no ambiente escolar e suas implicações.

De acordo com Silva (2010):

O aumento do comportamento agressivo entre os adolescentes é um dos fenômenos que mais preocupam e angustiam os pais e todos que, de forma direta ou indireta, lidam ou se ocupam com os jovens. A agressividade entre eles pode se manifestar das mais diversas formas, desde pequenos conflitos verbais entre indivíduos e/ou grupos até brigas físicas e violentas geradas pelas razões mais fúteis possíveis. São visíveis os abusos e arbitrariedades dos “mais fortes” em relação aos mais frágeis, através de intimidações psicológicas e físicas, humilhações públicas, comentários maldosos, difamações, intrigas e até as mais variadas formas de violência propriamente dita. (SILVA, 2010, p. 66)

Dan Olweus (1993), inicialmente desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma explícita, permitindo, dessa forma, diferenciar o *bullying* de incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, convenientes do processo de amadurecimento do indivíduo. Olweus pesquisou, inicialmente, cerca de 84 mil estudantes, 300 a 400 professores e em torno de 1000 pais, incluindo vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Fante (2005)

No Brasil, desde 2001, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) estuda, pesquisa e divulga os casos de *bullying*. De novembro e dezembro de 2002 a março de 2003, a Abrapia realizou uma pesquisa com estudantes da 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano) de 11 (onze) escolas, das quais 9 (nove) eram da rede pública de ensino e 2 (dois) da rede particular, no Rio de Janeiro.

A pesquisa foi realizada através de questionários distribuídos aos estudantes. Participaram da pesquisa 5.482 estudantes, dos quais 2.217, afirmaram ter tido contato direto na prática do *bullying*, como vítima ou agressor. Das vítimas, 50% afirmaram não contar as agressões aos pais e professores, o que demonstra que muitas vezes, pais e professores não têm conhecimento sobre o que de fato está acontecendo com os estudantes no ambiente escolar Silva (2010).

De acordo com a pesquisa da Abrapia, houve predomínio dos meninos na participação das condutas do *bullying*. No entanto, as meninas e os meninos se envolvem nas práticas de *bullying*. As provocações das meninas se dão de forma psicológica, também através da manipulação de colegas contra a sua vítima. A sala de aula foi apontada como o local em que ocorre com mais frequência a prática do *bullying*.

Caracterizada como uma forma de violência que causa consequências graves, o *bullying* pode levar as pessoas a cometerem atos impensáveis e destruidores, na tentativa de tentar se livrar dos sentimentos ocasionados por esta prática violenta, como corroboram pesquisas na área e também casos de estudantes vitimados pelo *bullying*.

Assim, a literatura específica sobre o assunto mostra que na escola muitos professores não têm o conhecimento necessário a respeito das consequências, então, não intervêm diante dos casos que presenciam. Diante dessa realidade, percebo que ainda falta, por parte da gestão escolar, atitudes que visem a mudanças de postura diante de casos de *bullying*. Então, compreende-se que:

É a falta de conhecimento que faz com que muitos pais, professores e até mesmo o próprio estudante desqualifiquem a violência que acontece na escola. Por acreditarem que violência escolar é apenas a agressão física e que os demais problemas fazem parte da infância e do aprendizado das crianças, muitos ignoram as sequelas que o *bullying* pode deixar na personalidade e nas relações sociais daquela vítima quando chegar à idade adulta. (BORGES, 2015, p.106)

Constata-se que existe um desconhecimento por parte dos professores e da escola, de modo geral, sobre o *bullying* e suas implicações. A “naturalização” que, muitas vezes, é dada a práticas de *bullying* é motivo de espanto e preocupação, pois, sabe-se que, geralmente, quem sofre não costuma contar para ninguém, prefere o silêncio, esperando que alguém resolva a situação.

Conforme Meotti e Pericoli (2013), vemos que “o silêncio é um grande aliado dos agressores; geralmente, as vítimas sentem vergonha e medo de relatar as agressões, e isso faz com que o agressor sintam-se à vontade para continuar sua prática”. (p.72). Algumas indagações surgem: *E quando ninguém resolve? Quando atitudes de humilhar, xingar, perseguir são rotineiras contra uma pessoa e ninguém faz nada?*

A este respeito, em pesquisa realizada pela ABRAPIA, 41,6 % das vítimas afirmaram que não falavam a ninguém do sofrimento enfrentado. Isto afirma que quando na escola quem sofre *bullying* não encontra amparo e assistência para pedir ajuda, o sofrimento psicológico passa a ser constante. Assim, o medo e a repulsa pela escola podem ser algo recorrente em quem sofre *bullying*.

Outro detalhe a ser ponderado é que quando o professor não tem o conhecimento sobre o *bullying* e suas consequências, pode acabar por perpetuar o acontecimento em sua sala de aula, aumentando, assim, o sofrimento da vítima e diminuindo suas possibilidades de buscar ajuda, pois vendo até o professor ser conivente com essa prática, a criança passa a acreditar que mesmo que conte, ninguém vai querer ajudá-la, ficando muito abalada em

suas relações, podendo até abandonar a escola e abrir mão de seu futuro. Lopes (2005, p.167) nos fala que “O silêncio só é rompido quando os alvos sentem que serão ouvidos, respeitados e valorizados”.

Em razão dessa violência que assola a escola, existe a necessidade de atenção para os casos que a permeiam e suas consequências. Nesse sentido, a escola deve conscientizar os pais dos estudantes e professores sobre o *bullying*, a fim de evitar suas consequências danosas. Porém, como dito anteriormente, muitas vezes os professores desconhecem o assunto ou não dão o enfoque merecido. Deste modo, a conscientização é importante, ao passo que quanto mais pessoas tiverem conhecimento sobre o assunto, e quanto mais a mídia divulgá-lo, a sociedade ficará consciente desse mal e de suas consequências.

Em vista disto, a entrada do professor, tanto na avaliação quanto na intervenção, é uma das principais formas de buscar diminuir a prática de *bullying* no ambiente escolar. Por isso, faz-se necessário o conhecimento dos professores sobre as principais formas de ocorrência do *bullying*, em especial, na sala de aula, que no Brasil é o ambiente onde ocorrem de maneira mais recorrente os casos.

Por conseguinte, os professores ao terem conhecimento do *bullying*, como o mesmo ocorre e os problemas que causam a pequeno ou longo espaço de tempo, podem intervir de maneira a tentar minimizar o problema. Tendo em vista que os pais na maioria dos casos não têm o mínimo conhecimento do problema, não sabem as consequências na vida de vítima e agressor. Em meio a isto, a escola deve tentar conversar com pais e professores a respeito do *bullying* no ambiente escolar. Ademais, Farias, (2016), nos diz que:

É imprescindível que todos aqueles envolvidos no âmbito escolar, sendo estes gestores, professores, funcionários e outros, estejam atentos a qualquer comportamento suspeito relacionado à prática do *bullying*, e assim, imediatamente, intervir para que tais ações não se prolonguem nem criem raízes na escola, livrando os estudantes de possíveis transtornos psicológicos. É de suma importância ainda que as escolas possam reaver tantos os valores morais que hoje em dia parecem esquecidos, obsoletos ou que foram deturpados pela sociedade regida pelo capitalismo em que hora vivemos. São estes princípios morais os grandes e fortes aliados que poderão ajudar a transformar essa realidade de dor, que é o *bullying* em um passado que jamais voltará a ser presente. (FARIAS, 2016, p.80).

Assim, a escola, juntamente com os professores, deve conhecer e analisar os efeitos que condutas violentas e agressivas provocam naqueles indivíduos que sofrem *bullying*, tais como: estímulo à vingança, medo, frustração, vergonha, tentativas e, em alguns casos, suicídio.

No Brasil, tragédias no ambiente escolar evidenciam o quão importante é que a comunidade escolar conheça, intervenha ao se deparar com práticas de *bullying*, não só intervir, como também desenvolver junto aos educandos ações que os conscientizem a conviver e aceitar as diferenças, respeitando os demais, independentemente de suas características físicas, mentais e sociais.

Nesse caso, Farias (2016) nos lembra que:

A observação dos estudantes por parte do corpo docente de uma escola é muito importante no combate à prática do *bullying*, visto que, após feito a análise comportamental dos agressores e agredidos pelos professores, já que são estes que passam a maior parte do tempo com os estudantes no colégio, poderão estudar uma melhor forma de solução, juntamente com um profissional de saúde mental (se for o caso), frente à problemática das agressões sistemáticas entre os discentes, evitando que o *bullying* se dissemine e ganhe força e, assim, não mais ceife o sonho de muitos outros educandos. (FARIAS, 2016, p. 81)

Na mídia, o destaque ao problema se deu em momentos que estudantes ou ex-estudantes entraram em escolas onde estudaram e cometem atos desastrosos. Alguns já noticiados pela mídia foram:

Em janeiro de 2003, a cidade de Taiuva, no interior de São Paulo, foi palco de grande tragédia. O jovem Edimar de Freitas, de 18 anos, entrou armado na escola em que havia concluído o ensino médio. Abriu fogo contra cinquenta pessoas que estavam no pátio. Feriu oito e se matou em seguida. Segundo as investigações, a barbárie foi motivada pelos constantes apelidos e humilhações que Edimar recebia por ser obeso. Ex-colegas do rapaz disseram que ele prometia vingança, afirmando que todos iriam se arrepender. (SILVA, 2010, p. 118-119).

Na cidade de Remanso, norte da Bahia, a 650 quilômetros de Salvador, o ano de 2004 também foi marcado por um caso semelhante, envolvendo condutas de *bullying*. Após muitas humilhações e depois de receber baldes de lama sobre sua cabeça, um rapaz, de 17 anos, matou duas pessoas e feriu mais três. O jovem também tentou suicídio, mas foi impedido e desarmado. (SILVA, 2010, p. 119).

Estes fatos mostram que a prática do *bullying* tem passado a ser percebida pela escola e sociedade apenas quando a vítima já não consegue mais suportar as humilhações sofridas, não frequenta mais a escola e apresenta problemas psíquicos graves, ou quando chega ao extremo do suicídio, na tentativa de acabar com tudo que enfrenta diariamente, logo, essa questão merece atenção dos profissionais da educação.

Nesse sentido, Ristum (2010) nos diz que

A frequência com que os episódios de violência ocorrem faz que não nos surpreendamos mais com notícias que antes nos causavam indignação. Esse processo de banalização gradativa desfaz a importância que se dá ao acontecimento e, paralelamente, proporciona a sua intensificação e o aparecimento de formas mais elaboradas e graves de *bullying*. (RISTUM, 2010, p. 108).

Entretanto, essa forma de ver a violência deve, sim, ser desnaturalizada. Só assim será possível uma efetiva mudança nas relações sociais. Deve-se levar em consideração também as famílias de vítimas que em desfechos trágicos de *bullying* sofrem bastante. Algo importante a ponderar é que, constantemente, só depois que acontecem tristes episódios de suicídio de vítimas, invasões em escolas; como vingança, é que os pais e a escola percebem a crueldade das ações de *bullying*, tanto para os envolvidos diretamente, e para os demais presentes na escola.

Em meio a isso, é fundamental dar destaque às vítimas e as consequências a pequeno prazo, como a desistência da escola e perda de autoestima, o que acarreta prejuízos a longo prazo. Por esses fatores apontados é lamentável que ainda existam crianças afastadas da escola devido as consequências trágicas do *bullying*. É extremamente necessário a não-omissão de casos, pois autores como Fante (2005), Barbosa (2010), comprovam a gravidade do problema e a urgência de a escola se mostrar aberta para conversar sobre o *bullying* e desenvolver atividades que tenham o propósito de fazer com que estudantes e professores entendam esta problemática, como se manifesta nas relações e quais as atitudes a serem tomadas em eventuais casos.

Assim sendo,

A identificação precoce do “bullying” pelos responsáveis (pais e professores) é de suma importância. As crianças normalmente não relatam o sofrimento vivenciado na escola, por medo de represálias e por vergonha. A observação dos pais sobre o comportamento dos filhos é fundamental, bem como o diálogo franco entre eles. Os pais não devem hesitar em buscar ajuda de profissionais da área de saúde mental, para que seus filhos possam superar traumas e transtornos psíquicos. (SILVA, 2010, p.14).

Ressalto que a busca de soluções para o problema não é dever só do professor, mas também da escola e da família. Pois muitas vezes, os pais não sabem que seus filhos estão sendo vítimas de violência no ambiente escolar. No local que consideram que seus filhos estão “protegidos” da violência, estão sendo vítimas de uma violência que pode lhes deixar marcas por longos períodos, a prática de *bullying*, a qual, muitas vezes, os estudantes se veem impossibilitados de contar que estão sendo vitimados e o que está ocorrendo.

Conforme corrobora Lopes (2005, p. 167), “É pouco comum que a vítima revele espontaneamente o *bullying* sofrido, seja por vergonha, por temer retaliações, por descrenças nas atitudes favoráveis da escola ou por recear possíveis críticas”.

A escola, como um dos espaços que influencia no processo de formação de identidades, deve proporcionar a seus estudantes uma educação de qualidade, não só

quanto aos conteúdos desenvolvidos, em sala de aula, mas a formação psíquica. Também é dever da família, como um fator de proteção social, como a escola e os amigos, ficar mais atenta aos comportamentos e atitudes do jovem, sendo que através de intervenções adequadas é possível evitar as graves consequências do *bullying*.

### CAPÍTULO 3

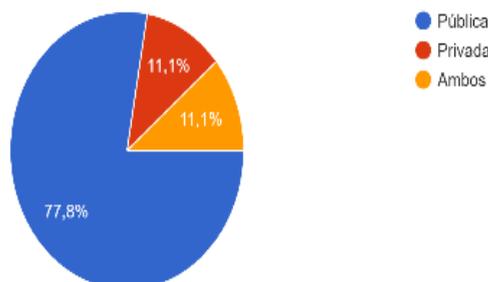
#### O BULLYING SOB A PERSPECTIVA DOS (AS) DOCENTES

Historicamente o fenômeno *bullying* tem ocupado um espaço, por vezes, “invisibilizado”, em escolas do Brasil e do mundo. Mundialmente perpetuado na vida dos (as) estudantes, ainda é relegado como um problema de baixa proporção, o qual a equipe escolar não deveria agir a fim de impedir sua manifestação.

Isto acontece porque, ainda no século XXI, as ações que o caracterizam são erroneamente interpretadas como fruto da convivência entre pares. De acordo com Carneiro (2018, p. 11), “Esse problema decorre de alguns comportamentos do praticante de *bullying* que são brincadeiras consideradas como inofensivas e são reconhecidas pelos educadores, na maioria das vezes, como normais”. Contudo, algo que evidencia o fenômeno é seu caráter repetitivo e dirigir-se a pessoas específicas, com o intuito de causar dor nas vítimas.

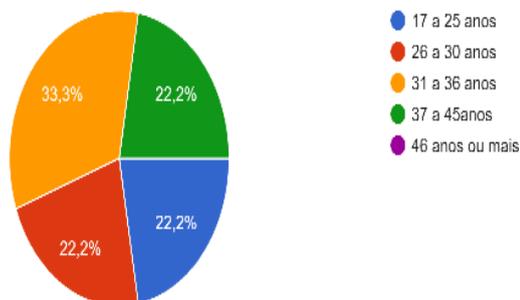
Diante disto, desenvolveu-se esta pesquisa, a fim de investigar as percepções e atitudes de professores (as) do Maciço de Baturité em relação ao *bullying*. Para isto, foram elaboradas questões sobre o *bullying* e seu desenvolvimento na escola, as quais foram posteriormente enviadas a professores (as) do Ensino Fundamental I, do Maciço de Baturité. Nove docentes, em sua maioria do sexo feminino, deram retorno ao questionário enviado. Abaixo, constam algumas informações sobre os (as) participantes.

A escola que você atuou ou atua é:  
9 respostas



Faixa Etária

9 respostas



Faixa Etária dos (as) docentes

IDEN TIFIC AÇÃO	Prof .ª 1	Prof .ª 2	Prof .ª 3	Prof .ª 4	Prof .ª 5	Prof .ª 6	Prof .ª 7	Prof .ª 8	Prof .ª 9
FOR MAÇ ÃO	Ped ago gia	Ped ago gia	Ped ago gia	Ped ago gia	Ped ago gia	Ped ago gia	Hist ória	Ped ago gia	Hist ória
ATU AÇÃO	01 ano	02 anos	09 anos	03 anos	07 anos	04 anos	15 anos	04 anos	21 anos

Na pergunta inicial referente ao bullying, foi questionado sobre o conhecimento dos participantes no concernente a esta violência. As respostas encontradas foram as apresentadas abaixo:

**COMPREENSÃO DO BULLYING POR PARTE DOS (AS) PROFESSORES (AS)**

	<p><i>“Bullying é algo doloroso, que causa danos psicológicos e até mesmo físico a um indivíduo, acontece quando um ou vários alunos, perserguem uma vítima, com apelidos maldosos, expondo-a e a humilhando”. (Profª1)</i></p>	<p><i>“Bullying e quando uma pessoa faz brincadeiras ou comentários maldosos sobre outra pessoa deixando-a contrangida ou ofendida. Bullying nao era pra acontecer de forma nenhuma mais geralmente quando uma ou mais criança focam em outra para ficar importunando com palavras ações e muitas vezes agressões.”(Profª2)</i></p>
	<p><i>“O bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais ,verbais ou físicas. Através de brincadeiras de mal gosto como apelidos, características corporais etc.” (Profª 3)</i></p>	<p><i>“Agressão física e psicológicas diferenciado a determinadas tipos grupos de grupos ou pessoas.” (Prof 4)</i></p>
	<p><i>“O bullying é uma forma que as pessoas acham para se sentirem superiores menosprezando as outras, ou desrespeitando a outra por não gostar de suas ações, religião, estética ou classe social. Sempre tem- se a desculpa que foi por brincadeira ou sem querer quando na verdade é por ódio ou intolerância.” (Profª5)</i></p>	<p><i>“O bullying se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas”. (Prof 6)</i></p>
	<p><i>“De forma simples, começando pelos apelidos que no início são tratados como normais, porém ao longo o mesmo vem trazendo alguns constrangimentos.” (Profª 7)</i></p>	<p><i>“O bullying é um ato que causa feridas graves, tanto no comportamento quanto na aprendizagem do aluno. No que pude vivenciar, o bullying atua meio que silencioso. Um aluno coloca apelido, rir do colega por algum motivo, maltrata com palavras que o desmotiva. E na maioria das vezes acha "normal" suas atitudes.” (Profª 8)</i></p>
	<p><i>“Apelidos, brincadeiras que ofendem, exclusão.” Profª 9)</i></p>	

Os dados acima mostram as respostas de docentes do Ensino Fundamental I, atuantes no Maciço de Baturité, Ceará, a respeito de seu conhecimento sobre o *bullying*. Os participantes apresentaram o *bullying* como algo que se manifesta por meio de ofensas, humilhações, perseguições, apelidos maldosos e exclusão, atribuiu-se, ainda, a gravidade deste no comportamento e aprendizagem dos (as) estudantes. As características mencionadas convergem com as apresentadas por Fante (2005), Silva (2010), Borges (2015), em suas pesquisas sobre esta violência que ainda se faz presente na convivência dos (as) alunos.

A professora 1 discorre sobre o *bullying* como algo doloroso, que afeta, psicológica e fisicamente, a vítima, que acontece através de perseguições a uma mesma pessoa e apelidos maldosos. A entrevistada compreende o *bullying* exatamente em sua natureza cruel e devastadora, que expõe o (a) vitimado a acontecimentos traumatizantes. Sobre isto, Borges (2015, p.25) alerta:

Esse tipo de bullying pode ser muito perigoso, visto que a humilhação e o constrangimento costumam ocorrer na frente de outros alunos, podendo ridicularizar uma pessoa sem ofendê-la de forma direta, apenas excluindo, isolando, marginalizando, ignorando e virando as costas.

Diante disto, demonstra-se o conhecimento referente as particularidades do fenômeno e, assim, uma possível ação para combatê-lo, partindo do pressuposto que, conforme Farias (2016, p.78), “O não continuar dessas repetitivas práticas de agressão aos mais “frágeis” alunos depende de uma ação em conjunto com todos da escola, incluindo discentes, professores e funcionários, como também a comunidade do entorno.”

A segunda participante compreende que: “*Bullying é quando uma pessoa faz brincadeiras ou comentários maldosos sobre outra pessoa deixando-a contrangida ou ofendida. Bullying não era pra acontecer de forma nenhuma mais geralmente quando uma ou mais criança focam em outra para ficar importunando com palavras ações e muitas vezes agregões.*” [sic]

A professora 2 atribui inicialmente *bullying* como brincadeira ou comentários maldosos. Contudo, é pertinente lembrar que esta prática jamais deve ser interpretada como brincadeira Fante (2005). Posto que aos olhos de quem assiste e de quem pratica, o *bullying* se disfarça como algo “natural” da convivência, entretanto, para os vitimados são situações que machucam e deixam marcas imperceptíveis ao olhar humano.

É necessário frisar que em virtude da insuficiência de conhecimentos de como esta violência é dolosa, professores podem ser levados a ignorar as consequências

advindas da exposição a atos de aparente “brincadeiras”. Com isto, é pertinente desprender-se da aparente normalidade dada a esta forma de violência. Por conseguinte:

A melhor forma de demonstrar a gravidade do *bullying*, evitando-se, assim, interpretações errôneas – de que o fenômeno não passa de brincadeira ou rito de passagem de crianças e adolescentes –, é expor o quanto nocivas e devastadoras podem ser suas consequências. Ou seja, para mensurar a magnitude perversa do *bullying*, basta verificar os efeitos maléficos, bem como os prejuízos incomensuráveis que dele decorrem. (GOMES E SANZAVO 2013, p. 137, apud, CARNEIRO, 2018, p. 54-55)

A entrevistada 3 ressalta o caráter intencional do *bullying*, afirmando o seguinte: “O *bullying* é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais”, assim corrobora a afirmativa de Pereira (2002, p. 18, apud Nascimento; Santos; Souza, 2015, p. 204-205) “É a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita, o que diferencia o “bullying” de outras situações ou comportamentos agressivos”.

A exclusão de grupos, a propagação de boatos, violência física, verbal ou psicológica, quando ocorrem de forma constante, causando sofrimento na vítima, caracterizadas como *bullying*, ainda desafiam as estruturas escolares, por isso, exigem atenção para que sua prática não seja menosprezada no convívio escolar.

O entrevistado número 6 considera que *bullying* são agressões físicas, verbais ou psicológicas, feitas de forma intencional e repetitiva. Algo que chama atenção na definição do docente é que ele menciona a intencionalidade e repetição de ações que predominam no *bullying*, o que se mostra imprescindível para identificar sua ocorrência entre os educandos. Podemos ver compreensão semelhante na seguinte afirmativa:

As ações realizadas por intermédio do “bullying” são verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização. (CONSTANTINI, 2004, p.69, apud ROLIM, 2008, p.13)

A professora 7 descreve o *bullying* como algo que começa por apelidos que trazem constrangimentos. A forma descrita é algo muito presente nesta violência, que ainda se torna de difícil identificação devido a não se caracterizar apenas por agressões físicas, as quais ficariam visíveis aos olhos dos profissionais das escolas. No concernente, Borges (2015) expressa:

O bullying físico se concretiza quando os professores, pais e a direção da escola ignoram as outras formas de *bullying* escolar, permitindo que a sala de aula seja um ambiente passível de sofrimento psíquico para o jovem que a

frequenta. Essa característica, específica desse fenômeno, é mais alarmante e visível, no entanto, é praticamente uma consequência das formas de bullying que negamos e só poderá ser completamente extinta se nos preocuparmos com todos os tipos de bullying possíveis. (BORGES, 2015, p. 69)

Ao atribuir esses apelidos como algo que constrange o aluno (a) a quem está sendo direcionado, a docente demonstra um conhecimento importante sobre este ato danoso. Em consequência, não banaliza essas agressões sutis que podem se fazer presente de forma intimidante a quem as está enfrentando.

A entrevistada 8 reconhece os perigos do *bullying*, ao afirmar que: “O *bullying* é um ato que causa feridas graves, tanto no comportamento quanto na aprendizagem do aluno. Assim, ela demonstra conhecer os perigos advindos do *bullying*, dado que:

A pessoa que sofre bullying pode adquirir certos problemas que poderá lhe prejudicar por toda a vida, pois, muitas vezes sentindo-se rejeitadas, algumas pessoas, por não suportarem o convívio social, no qual as chacotas, brincadeiras e humilhações são uma constante, acabam atentando contra a própria vida. (NASCIMENTO; SANTOS; SOUZA, 2015, p. 206)

Apesar de mencionar o *bullying* também como brincadeira, o entrevistado 2 também menciona que o *bullying* não deveria acontecer de nenhuma forma, no entanto, ocorre verbalmente e por meio de agressões. Assim, vale ressaltar o poder de dominação que agressões exercem sobre as vítimas, como afirma a psicóloga Beatriz Silva:

As vítimas se tornam reféns do jogo de poder instituído pelos líderes dos agressores. Raramente elas pedem ajuda às autoridades escolares ou aos pais. Agem assim, dominadas pela falsa crença de que essa postura é capaz de evitar possíveis retaliações dos agressores e por acreditarem que, ao sofrerem sozinhos e calados, pouparão seus pais da decepção de ter um filho frágil, covarde e não popular na escola. (SILVA, 2010, p. 116)

A participante 8 também demonstra estar atenta a forma silenciosa que *obullying* ocorre, evidencia-se isto na seguinte resposta: “*No que pude vivenciar, o bullying atua meio que silencioso. Um aluno coloca apelido, rir do colega por algum motivo, maltrata com palavras que o desmotiva*”.

O apontamento apresentado pelo docente aborda algo que preocupa no *bullying*, que é o fato de poder acontecer de forma silenciosa, por isso não é fácil identifica-lo nas relações entre os escolares. Um dos fatores que dificulta a identificação é o silêncio da vítima que, conforme afirma Fante (2005), não comunica a ninguém.

A professora 9 fala que o *bullying* se manifesta ainda como exclusão, sobre isto Rolim (2008, p.42) enfatiza “Crianças e adolescentes vitimados pelo “bullying” tendem a se retrair, procurando evitar, tanto quanto possível, o contato com os demais”. Essa ação

surge como uma forma de evitar as humilhações dos agressores, o que torna a escola um local que representa repulsa para a vítima de *bullying*, devido a situações constrangedoras a que pode ser exposta.

A entrevistada 9, ao mencionar a exclusão que o *bullying* causa, chama atenção para a seguinte questão posta por Oliveira (2015, p.12) “O *bullying* compromete a socialização, que pode ser entendida como um processo que implica a assimilação da cultura, dos valores, dos hábitos, das crenças do grupo em que o sujeito está inserido”. Por conseguinte, a criança ou adolescente vitimada por este ato danoso, é excluída do processo de socialização que as instituições de ensino deveriam oportunizar.

Em uma outra pergunta do questionário, indagou-se sobre os comportamentos que os (as) docentes observavam na convivência e que caracterizam como *bullying*. As respostas foram as seguintes:

**Comportamentos observados pelos (as) professores na convivência entre os discentes:**

Durante o intervalo crianças colocando apelidos em outras;

Agressões físicas e verbais;

Criança chorando por sentir receio de estar com outros colegas e falar que estava pensando em se matar com estilete, pois não suportava mais ser maltratada pelos (as) colegas e ninguém fazia nada para acabar com estes comportamentos.

Uma professora apresentou o seguinte fato que teve contato:

Uma aluna chorar e eu ficar sem entender o porque. Vendo que ela estava se sentindo acuada, chamei ela para conversar fora da sala de aula, e ela mim contar que estava pensando em pegar um estilete e se matar dentro da sala de aula, sendo que já estava cansada de ser zuada, maltratada por uma turma de colegas, que desde o 5º Ano caçuava dela e a esnobada falando mal do seu cabelo e sua aparência. Pedi que ela confiasse em mim e entendesse que eu faria o possível para ajudá-la. Levei o caso até o diretor da escola, que imediatamente chamou os alunos, e os advertiu. Desde então, os alunos não mas mexeram com a aluna. É possível contatar que nem todo professor tem um olhar sensível ao *bullying*, pois a aluna sofria de *bullying* desde o 5º Ano, e professores sabiam e nada faziam para acabar com aquela tortura psicológica. (Professora 8)

A fala da professora sobre o caso de sua estudante que foi vitimada pelo *bullying* expressa a seriedade de ações que erroneamente ainda são interpretadas como “brincadeiras”. Carneiro (2018, p.32) infere que:

Ademais, o *bullying* na sala de aula é uma realidade nas escolas brasileiras, pois as agressões exprimem a ideia de que a vítima deve se sentir amedrontada e que os atos praticados sobre ela são de concordância dos demais que presenciam, acham divertido e não fazem nada em sua defesa. Normalmente, o impacto emocional causado pelas agressões repetidas sobre a vítima a deixa fragilizada emocionalmente. Na maioria das vezes, entretanto, os professores ou outros profissionais da escola não percebem a agitação ou não se encontram presentes no local quando acontecem os ataques à vítima; assim, os próprios estudantes ficam entregues a si mesmos para resolver seus conflitos.

Em outro questionamento sobre quais orientações os (as) estudantes recebem por parte dos docentes em casos de *bullying*, a maior parte dos (as) respondentes declarou comunicar aos pais e gestão escolar, 7 professores (as) disseram adotar este mesmo comportamento e conversar com ambas as partes envolvidas. Uma professora afirmou que ocorreu na escola uma palestra por parte de um professor abordando o assunto. Abaixo, apresento o gráfico sobre essas respostas:

Em casos de Bullying, a vítima ou vítimas receberam quais orientações de sua parte?

9 respostas



Fonte: Formulário google, 2021

Com base nas respostas obtidas, observa-se que os (as) professores não negam a ocorrência do *bullying* em escolas onde lecionam ou lecionaram, isto demonstra que estão atentos à sua presença na rotina escolar. Este dado contrapõe o que afirmou Fante (2005, p.48-49):

Na maioria das vezes, entretanto, os professores ou outros profissionais da escola não percebem a agitação ou não se encontram presentes no local quando acontecem os ataques à vítima; assim, os próprios alunos ficam entregues a si mesmos para resolver seus conflitos.

A falta de percepção do (a) docente do *bullying* que acontece na escola, a que Fante se refere, é um fator que contribui para sua continuidade nas interações entre pares,

tendo em vista que o (a) estudante dificilmente consegue se livrar sozinho da violência a que se encontra submetido.

Os achados da pesquisa contrapõem-se também aos de Rolim (2015, p. 111), no qual pondera que:

As práticas de *bullying*, presentes especialmente nas escolas, são muitas vezes invisíveis para professores e pais. O cotidiano repetitivo de violações – que compreende desde as ocorrências de furtos, roubos, ameaças e agressões físicas, até as situações comuns de humilhações e de oferta sistemática do isolamento pela maledicência – perfaz como que o “pano de fundo” da escola, sendo raramente percebido em sua dinâmica destrutiva.

Embora os dados analisados sobre a compreensão dos (as) docentes sobre o *bullying* evidenciem que os profissionais participantes conhecem o fenômeno e sua prevalência na escola, suas respostas apontam que abordagens, em meio a esta violência, ainda permanecem muito aquém do esperado para que se possam realmente aniquilá-la deste meio.

Em parte, isto acontece porque as escolas ainda precisam oferecer formações aos seus profissionais para que identifiquem e saibam a maneira correta de agir diante dos conflitos que venham a surgir na instituição. Assim, conforme Silva (2010, p. 162), “as escolas necessitam capacitar seus profissionais para a identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em suas dependências”.

Não é regra que casos de *bullying* sejam interpretados como algo menos importante que necessitam de atenção, todavia, frequentemente é isto que ocorre. Ainda que tenha sido sancionada a LEI 13.185/2015, de combate ao *bullying*, casos desta violência ainda são omitidos no contexto escolar. Lopes Neto (2011, apud Carneiro, 2018, p. 43) pontua que:

Essa aparente omissão ou indiferença ao sofrimento do outro pode ser explicada pelo não conhecimento do que seja o *bullying*, pela incerteza sobre o que fazer, pelo sentimento de incapacidade em solucionar o problema, ou, ainda, pelo medo de que a agressão se volte contra o defensor.

Por conseguinte, a negação de sua ocorrência não é a saída para entender, ajudar e tornar os relacionamentos na escola menos conflituosos. A conduta mais propensa a ser adotada pela gestão escolar deve ser de aceitação e diálogo com professores, pais e os discentes, posto que:

Todavia, independentemente das dificuldades encontradas para o combate ao fenômeno *bullying*, é preciso que as instituições de ensino desenvolvam

estratégias com base nos fatos que ocorrem individualmente nessas unidades escolares. (CARNEIRO, 2018, P. 102)

Essa ação da gestão escolar apenas será possível quando os professores identificarem possíveis ocorrências de *bullying* e como se dá sua prevalência entre estudantes, sabendo o que fazer diante deste e compreendendo os motivos pelos quais este ato danoso não deve ser ignorado. Logo:

A necessidade de se conhecer e estudar esse fenômeno dentro da escola se reforça na medida em que a contínua exposição ao *bullying*, nos seus mais variados tipos, pode acarretar às vítimas problemas comportamentais e emocionais, destacando-se o estresse, a diminuição ou perda da autoestima, a ansiedade e depressão, o baixo rendimento escolar e até mesmo, em casos mais severos, o suicídio. (MALTA et al, 2009, p. 3066)

Em relação às respostas obtidas, cabe ressaltar que a maioria dos respondentes não falou sobre a natureza cruel de ações do *bullying*, o que transparece que embora o conheçam, ainda podem menosprezar sua crueldade.

Diante disto, os achados da pesquisa indicam que embora os (as) docentes participantes reconheçam a dimensão do quanto esta violência é prejudicial aos (as) estudantes, afetando assim seu aprendizado e sua saúde, física e mental, ainda existe um trabalho a ser continuado no combate a esta violência.

Assim sendo, o conhecimento apresentado pelos (as) educadores representa um avanço significativo no combate ao *bullying*. Todavia, as escolas ainda erram no combate de forma mais eficaz, pois deveriam agir para tentar evitar o problema antes de sua manifestação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi proposta inicialmente pela constatação da prática de *bullying* nas escolas, a qual tive contato durante um período na educação básica e presenciei esta realidade também no período de Estágio Supervisionado no curso de Pedagogia. Pesquisas sobre esta violência revelaram o quão cruel é ser vitimado e não encontrar apoio dos pais, professores, escolas e autoridades responsáveis pela saúde e proteção de crianças e adolescentes.

Diante disto, percebi a existência de lacunas sobre pesquisas realizadas na área, sobretudo no Maciço de Baturité. Embora existam pesquisas no Brasil e em diversos países a respeito, constatei que crianças e adolescentes ainda sofrem muito com o *bullying* em instituições de ensino. Dado a persistência desta, a pesquisa buscou: Identificar a percepção de professores (as) do Maciço de Baturité que atuam no ensino fundamental I sobre o *bullying* e consequências desta violência para as vítimas.

Todo o processo de pesquisa revelou que os (as) participantes evidenciam conhecerem o *bullying* e sua prevalência na sala de aula, contudo, mediante as respostas obtidas no questionário aplicado, constata-se que embora conheçam o fenômeno, as ações, ao se deparar com a prática na convivência, ainda devem ser aperfeiçoadas.

Tendo em vista que o *bullying* se destaca como prejudicial ao desenvolvimento do (a) estudante, afetando negativamente memórias sobre sua infância ou adolescência, pois este, em comparação com crianças que não sofreram *bullying*, pode ter traumas profundos na psiquê. Sendo a escola um ambiente de aprendizado e interações sociais, a prática de violência impede, de forma grave, o pleno desenvolvimento e aprendizado de quem se depara com uma realidade marcada pela ocorrência de *bullying*.

Os resultados a que a pesquisa chegou permitiram compreender como docentes do Maciço de Baturité identificam o *bullying* presente na realidade de seus alunos e alunas. Contudo a pesquisa teve limitações, as quais se devem em parte ao contexto de isolamento social (quando aconteceu a coleta de dados as escolas estavam fechadas) devido a qual não foi possível visitar escolas, fazer observações da rotina nestes estabelecimentos de ensino. Isto sem dúvida permitiria uma coleta de dados e análise mais aprofundada, as quais ficam como sugestões para futuras pesquisas.

Embora o contexto em que ocorreu a coleta de dados não tenha permitido a presença física na escola, foi possível coletar dados também durante as observações nos

estágios supervisionados do curso, o que alinhado à revisão de literatura, ao questionário aplicado e análise dos dados foi de grande contribuição para a realização deste trabalho.

Assim sendo, a pesquisa permitiu perceber a gravidade do bullying e sua crueldade para os envolvidos e o estudo apresentado pode contribuir para conhecer mais. Como mostra Fante (2008, p. 83), “Atormenta a vida dos estudantes que, inseguros e com medo, perdem a motivação para os estudos, deixam de comparecer as aulas, tem seu processo de aprendizagem comprometido, adoecem ou até desistem de estudar”.

Outrossim, as ações promovidas nas escolas onde os (as) participantes deste estudo trabalham ainda falham em cumprir o Inciso que foi acrescentado em 2018 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, artigo 12, inciso IX e X, onde consta que as escolas devem: IX- “Promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática ( *bullying* ), no âmbito das escolas; X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas”.

Diante dos achados da pesquisa fica a expectativa de que o estudo possa ampliar os horizontes de estudos sobre o *bullying* e prevalência na escola, mostrando ainda que o conhecimento dos docentes, bem como de toda população que faz parte das instituições de ensino são aliados potentes para o combate a este problema que fez e ainda faz vítimas ao redor do mundo. Para tanto, se faz necessário que sejam ofertadas formações específicas na área. As quais, pelas descobertas da pesquisa, mesmo no ano de 2022, com uma Lei antibullying em vigência, ainda são escassas nos estabelecimentos de ensino.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Deborah Christina; SOARES ZUIN, Antônio Álvaro. Do Bullying ao Preconceito: Os Desafios da Barbárie à Educação. **Psicologia & Sociedade**. Minas Gerais, v. 20, nº 1, p. 33-41, jan./abr. 2008.
- BORGES, Tahiana Andrade S. **Memórias do bullying**. Novo Século. São Paulo, 2015.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1, p. 13563, 17 jul. 1990. Disponível em: <https://bit.ly/2pAhryb>. Acesso em: 20 maio 2022.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: <<https://bit.ly/2NGTrkV>>. Acesso em: 20 maio. 2022.
- BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 9 nov. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2JTn2Gw>>. Acesso em: 20 maio. 2022.
- BRASIL. Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016. Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1, p. 3, 2 maio 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2CjJNz6>>. Acesso em: 20 maio. 2022.
- BRASIL. Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 15 maio 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2pJb7nW>>. Acesso em: 20 maio. 2022.
- CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004. (Edição revista e atualizada.).
- CARNEIRO, Núbia Célia. **Enfrentamento do Bullying no ambiente escolar**. 1 ed, Jundiaí, São Paulo: Paco, 2018

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus Editora, 2005.

FARIAS, Moisés Rocha. Bullying Escolar: Uma Ferida Aberta Na Sociedade. **Revista Expressão Católica**. Quixadá, v. 5, n° 1, p. 77-84, jul./dez. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

LOPES NETO, A. A. **Bullying** – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, 2005.

MALTA, Deborah Carvalho. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 15, n° 2, p. 3065-3076, out. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63019111008>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

MEOTTI, Juliane Prestes; PERÍCOLI, Marcelo. A postura do professor diante do bullying em sala de aula. *Revista Panorâmica online*, 2013, 15: 66-84.

NASCIMENTO, Kathia Cilene et al. O bullying na escola e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE*, p. 199-212, 2015.

NASCIMENTO; SANTOS; SOUZA. O bullying na escola e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE*, p. 199-212, 2015.

OLIVEIRA, Edjofre Coelho. O BULLYING NA ESCOLA: COMO ALUNOS E PROFESSORES LIDAM COM ESTA VIOLENCIA?. **Revista Fundamentos**, v. 2, n. 1, 2015.

RISTUM, M. Bullying escolar. *In*: ASSIS, SG; CONSTANTINO, P; AVANCI, JQ (Orgs.). **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119.

ROLIM, Marcos. **Bullying**: o pesadelo da escola. Um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Porto Alegre, 2008, 174 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ROLIM, Marcos. Segurança pública e bullying. IN: FANTE, Cléo; PRUDENTE, Neemias Moretti. (Orgs.) **Bullying em debate**, São Paulo: Paulinas, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo, Cortez editora, 2007.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.  
\_\_\_\_\_. **Bullying**: cartilha 2010. Projeto justiça nas escolas. Brasília, 2010.

## ANEXOS

### PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS (AS) DOCENTES:

23/09/2022 18:40

O Bullying no Contexto Escolar

#### O Bullying no Contexto Escolar

Olá! Sou Camila Arruda Pereira, aluna do curso de pedagogia da Unilab. Este formulário faz parte da coleta de dados de meu trabalho de conclusão de curso (TCC), no qual estou pesquisando sobre a ocorrência do Bullying no contexto escolar. Desta forma, sua contribuição é fundamental para que possamos compreender de que forma o Bullying se faz presente nas escolas do Maciço de Baturité.

Desde já informo que as respostas apresentadas servirão unicamente para a coleta de dados da pesquisa e serão mantidas em sigilo, não causando nenhum prejuízo aos/as participantes. Para responder algumas das perguntas sobre o bullying, gostaria que você comentasse sobre o que percebeu em sua prática docente antes da pandemia.

1. Você aceita participar da pesquisa?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

2. Qual é o seu nome?

\_\_\_\_\_

3. Sexo

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

<https://docs.google.com/forms/d/179S7Wlg3nab6V7yK4p69hCkxqQgMOHnD6L8Pc/edit>

1/4

## 4. Faixa Etária

Marcar apenas uma oval.

- 17 a 25 anos
- 26 a 30 anos
- 31 a 36 anos
- 37 a 45anos
- 46 anos ou mais

## 5. Você possui ou está fazendo graduação em qual área?

---

## 6. Qual o seu tempo de atuação no cargo de professor/a?

---

## 7. Em qual município você atua? Caso não esteja atuando, responder: "não se aplica"

---

## 8. Em qual ano do Ensino Fundamental você leciona ?

---

## 9. A escola que você atuou ou atua é:

Marcar apenas uma oval.

- Pública
- Privada
- Ambos

## Perguntas sobre o Bullying

10. O que você sabe sobre o bullying? Na sua percepção como pode acontecer a prática de bullying entre os alunos de uma escola?

---

---

---

---

---

11. 01) Em 2015 o governo federal sancionou a Lei nº 13.185 de combate a intimidação sistemática (bullying) em todas as escolas do Brasil. Porém, pesquisas na área mostram que ainda é comum acontecerem práticas de bullying nas escolas. Assim, quais situações envolvendo o bullying você já presenciou durante sua prática docente?

---

---

---

---

---

12. Em casos de Bullying, a vítima ou vítimas receberam quais orientações de sua parte?

Marcar apenas uma oval.

- Revidar diante das humilhações sofridas
- Não se importar, pois logo as agressões acabam
- Comunicar aos pais e a gestão da escola
- Outro: \_\_\_\_\_

13. Quais as orientações dadas pela gestão da escola diante de casos de bullying?

---

---

---

---

14. De quais formas você percebe que o bullying afeta a vida da vítima?

---

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários